

**MUDANÇA SONORA:
DISCUTINDO O PRINCÍPIO NEOGRAMÁTICO
DA REGULARIDADE**

Cynthia Vilça (USP)
cynthiavilca@gmail.com

RESUMO

Segundo o princípio neogramático da regularidade, as mudanças sonoras, na medida em que ocorrem mecanicamente, realizam-se de acordo com leis que não admitem exceções e são transmitidas simultaneamente tanto dentro da estrutura linguística quanto pela da comunidade de fala. A principal oponente desse princípio é a teoria da difusão lexical (WANG, 1969), a qual postula que a transmissão da mudança sonora é foneticamente abrupta e lexicalmente gradual. Neste artigo, discute-se o referido princípio neogramático, expondo seus pressupostos, as principais críticas que lhe foram aplicadas ao longo do século XX e duas propostas de solução para a chamada “controvérsia neogramática”, nome atribuído ao embate entre neogramáticos e léxico-difusionistas. Os modelos de interpretação da implementação e transmissão da mudança sonora apresentados são debatidos a partir dos dados de uma pesquisa sobre sonorização de consoantes em contexto de interaltassonoridade no italiano do século XVI.

Palavras-chave:

Mudança linguística. Controvérsia neogramática. Sonorização de consoantes. Italiano.

1. Introdução

Constitui realidade empírica da linguística histórica o fato de que as línguas mudam com o decorrer do tempo. Visto isso, Weinreich, Labov & Herzog, em um artigo clássico publicado em 1968, apontam cinco problemas a serem tratados por qualquer teoria da mudança linguística. São eles: (1) o problema dos fatores condicionantes; (2) o problema da transição; (3) o problema do encaixamento; (4) o problema da avaliação; e (5) o problema da implementação ou da transmissão.

O presente trabalho tem por objetivo discutir um princípio de mudança linguística atuante a nível fonético/fonológico, que se encaixa no quinto problema apontado por o fato de que as línguas mudam com o decorrer do tempo. Visto isso, Weinreich, Labov & Herzog. Trata-se do princípio da regularidade, instituído por uma geração de linguistas no final do século XIX, conhecidos como “neogramáticos”. No intuito de explicar como uma mudança se espalha pelo sistema linguístico e pela comunidade de fala, esse princípio presume que a transmissão de uma mudança sonora é foneticamente gradual e lexicalmente abrupta.

O princípio da regularidade foi largamente debatido ao longo das décadas de estudos em linguística histórica que o seguiram. A principal oponente desse princípio é a teoria da difusão lexical (WANG, 1969), a qual postula que a transmissão da mudança sonora é foneticamente abrupta e lexicalmente gradual. Embora tenham sido indicadas muitas de suas falhas, esse princípio ainda é visto como um critério heurísticamente útil para a pesquisa em linguística histórica. Logo, é lícito dizer com Faraco que os neogramáticos constituem

[...] um 'divisor de águas' na linguística histórica: de um lado, pela crítica aos antecessores, da qual resultou um maior rigor em certos procedimentos metodológicos; de outro, pela direção que acabou imprimindo à linguística histórica a partir daí, a qual ou segue, nos fundamentos, a trilha neogramática, ou polemiza com ela. (FARACO, 1991, p. 88)

Nesse sentido, o que se pretende é expor algumas das reafirmações e também das críticas feitas ao modelo neogramático. Este trabalho encontra-se dividido em seis seções. Na primeira, apresenta-se o princípio da regularidade de forma detalhada e algumas das contestações feitas a esse princípio. Na segunda, caracteriza-se a teoria da difusão lexical. Na terceira, a perspectiva sociolinguista do mecanismo da difusão da mudança sonora é detalhada e contrastada com as propostas neogramática e léxico-difusionista. Na quarta seção, são indicadas propostas de solução para o embate entre neogramáticos e léxico-difusionistas. Na quinta, faz-se uma revisão dos modelos discutidos, a partir dos dados de uma pesquisa sobre vozeamento de consoantes no italiano do século XVI. Por fim, na última seção, são retomadas algumas considerações e sugestões advindas do confronto entre as várias hipóteses apresentadas sobre o problema da implementação da mudança sonora.

2. O princípio da regularidade

2.1. Os neogramáticos e a regularidade da mudança sonora

No último quartel do século XIX, linguistas que trabalhavam com línguas indo-européias na Universidade de Leipzig questionaram certos pressupostos tradicionais da prática histórico-comparativa, estabelecendo uma nova orientação para a interpretação da mudança linguística. É comum assumir como marco inicial desse movimento a publicação do Manifesto Neogramático – prefácio do primeiro número da revista *Morphologischen Untersuchungen* (Investigações morfológicas) – por Hermann Osthoff e Karl Brugmann em 1878.

Impulsionados pela obra de Scherer (*Zur Geschichte der deutschen Sprache* “Sobre a história da língua alemã”, Berlim, 1968) sobre a atuação de princípios fixos na mudança sonora e inspirados pela leitura da monografia de Winteler (1876)⁸ sobre o dialeto alemão de Kerenzen (Suíça), Osthoff e Brugmann estabeleceram o princípio da regularidade, já deduzido por estudiosos como Leskien (1840-1916). Segundo esse princípio, as mudanças sonoras, na medida em que ocorrem mecanicamente (condicionadas exclusivamente por fatores fonéticos), se dão num processo de regularidade absoluta, isto é, realizam-se de acordo com leis que não admitem exceções.

O princípio da regularidade também prevê simultaneidade no processo de transmissão de mudanças sonoras, tanto dentro da estrutura linguística quanto pela da comunidade de fala. Isso significa que as mudanças sonoras afetariam simultaneamente todas as palavras com o mesmo contexto fonético na língua ou dialeto em questão; e que a direção dessas mudanças seria a mesma para todos os membros de uma mesma comunidade linguística, com exceção dos casos de ruptura dialetal (quando o dialeto está passando por uma divisão, a mudança afetaria apenas uma parte da comunidade).

Portanto, qualquer alteração sonora que se desviasse dos moldes impostos pelo princípio da regularidade seria interpretada como mudança analógica ou como empréstimo dialetal. De acordo com Labov (1994, p. 422-423), essas exceções são abrangidas pelo caráter mecânico do processo de mudança sonora atribuído pelos neogramáticos, uma vez que mudanças analógicas envolvem relações conceituais, que não são mecânicas (ou fonéticas) em caráter; e o empréstimo dialetal geralmente abrange relações sociais de prestígio relativo, que também não são mecânicas.

Dessa maneira, com o objetivo de explicar sistematicamente os fenômenos de mudança linguística, os neogramáticos propuseram uma articulação dual da língua, com o nível fonológico – onde seriam realizadas as mudanças sonoras, governadas pelo princípio da regularidade – e o nível gramatical – onde ocorreriam os processos analógicos. O nível fonológico seria autônomo em relação à estrutura gramatical, o que significa que as condições que governariam a mudança sonora seriam puramente fonéticas. Já no nível gramatical, processos de analogia envolveriam uma relação entre estrutura fonológica e estrutura gramatical, já que a analogia trataria

⁸ Winteler era um sanscritista que trabalhava com o modelo de fonologia item-e-processo.

dos processos fonológicos operantes no nível morfológico, sintático e semântico. De tal forma, os neogramáticos restringiram o termo “mudança sonora” a mudanças como assimilação e enfraquecimento/perda, já que mudanças como metátese, haplogogia e dissimilação tendem a violar o princípio da regularidade (isto é, são observáveis (não graduais) e esporádicas, aplicando-se em algumas palavras, mas não em outras com o mesmo contexto).

Nas próximas seções deste trabalho, serão expostas algumas das reafirmações, contestações, e reinterpretações dos pressupostos constantes do princípio neogramático da regularidade apresentados nesta primeira parte.

2.2. Algumas contestações à teoria neogramática

Kruszewski criticou os neogramáticos por não distinguirem processos sincrônicos de processos diacrônicos. Hermann Paul (1880), apesar de adepto do modelo neogramático, mostrou-se influenciado pelas críticas de Kruszewski. Essa influência levou Paul a discriminar “trocas” de som (processos sincrônicos regulares, traduzidos por o fato de que as línguas mudam com o decorrer do tempo. Visto isso, Weinreich, Labov & Herzog (1968) como “regra fonética”) de “alternâncias” de som (fenômenos remanescentes de processos sincrônicos anteriores inativos que deixaram resíduos irregulares).

Segundo Hock (1991, p. 644), um ataque formidável à teoria neogramática foi proposto Schuchardt (1885). Para este último, não há distinção entre mudanças sonoras e as demais mudanças. Ele defende que a mudança sonora pode começar em uma ou duas palavras isoladas e se espalhar para outros itens lexicais por meio de extensão analógica.

Posteriormente, Sturtevant (1907) teria oferecido sustentação para a visão Schuchardt ao afirmar que a mudança sonora começa em poucas palavras isoladas, na fala de um ou dois indivíduos e, por razões de prestígio, a nova pronúncia é expandida para outros falantes e novas palavras. Mais tarde, a hipótese de Sturtevant inspiraria uma teoria antagônica à neogramática, a qual será apresentada na segunda seção deste trabalho.

Outra crítica ao modelo neogramático diz respeito ao paradoxo criado pela interação entre mudança sonora e analogia: a mudança sonora é regular, embora gere irregularidade; ao passo que analogia é irregular, em

bora gere regularidade⁹. Assim, na linha de interpretação dos neogramáticos, a analogia exerceria uma ação reguladora no sistema, “retificando” irregularidades gramaticais criadas pela regularidade das mudanças sonoras.

Ao examinar algumas críticas direcionadas à gradualidade da mudança sonora, Hock (1991, p. 639-642) apresenta argumentos a favor dos neogramáticos, afirmando que a noção neogramática de gradualidade foi definida em termos articulatorios. Sendo assim, segundo Hock: (1º) o fato de processos como metátese e dissimilação terem natureza não gradual não serve de contra-exemplo ao modelo neogramático, visto que eles excluíram esses processos de sua definição de mudança sonora; (2º) o fato de traços como presença ou ausência de vozeamento serem abruptos também não constitui contra-argumento válido, já que fonologicamente eles estão presentes ou ausentes, mas foneticamente há vários graus de vozeamento, e o modelo neogramático referia-se à mudança fonética, não fonológica. Contudo, Hock (1991, p. 641) atenta para a existência de casos em que a metátese e a dissimilação podem ocorrer de forma regular. Esses casos apresentariam uma regularidade intermediária entre a mudança regular “mecânica” e a mudança não regular “psicológica” (ou social), o que constitui um problema para a divisão binária da mudança linguística proposta pelos neogramáticos. Tais casos, somados aos de regularidade de processos de reordenamento de regras em desenvolvimentos de caráter analógico, levaram Hock a concluir que o limite entre uma mudança sonora regular e outra mudança irregular é gradiente, não binário.

Além disso, Hock (1991, p. 639-640) traz à tona a dúvida dos funcionalistas acerca da afirmação neogramática de que a mudança sonora é inobservável e motivada por fatores puramente fonéticos. Os funcionalistas sustentam que mudanças em cadeia são fenômenos observáveis e podem ser condicionadas por fatores estruturais e funcionais. Já os estruturalistas e os gerativistas (cf. McMAHON, 1994, p. 48), não se preocupam em explicar a transmissão da mudança sonora, apenas comparam dois estágios e descrevem as diferenças entre eles: os estruturalistas, operando com a noção de mudança fonêmica; e os gerativistas, tentando incorporar a mudança sonora à gramática sincrônica sob a noção de adição de regra. Os sociolinguistas, baseando-se em estudos de mudança sonora em progresso, reclamam a negligência dos fatores sociogeográfico-culturais na

⁹ Esse paradoxo é conhecido como Paradoxo de Sturtevant.

caracterização do problema da transmissão da mudança sonora pelos neogramáticos.

Expostos o princípio neogramático da regularidade que se propôs examinar neste trabalho e as principais críticas a este dirigidas, na próxima seção, apresentar-se-á uma concepção da transmissão da mudança sonora diametralmente oposta à neogramática. Trata-se da teoria da difusão lexical.

3. A teoria da difusão lexical

É no cenário de críticas ao princípio neogramático da regularidade esboçado na seção anterior, que Wang, em um artigo de 1969 intitulado “Competing sound changes as a cause of residue” (“Mudanças sonoras em competição como uma causa de resíduo”), propõe um novo modelo para explicar os resíduos (ou irregularidades) deixados por um processo de mudança sonora. Esse modelo ficou conhecido na literatura como “Difusão Lexical”.

De acordo com Wang (1969, p. 21), embora muito mais atenção seja dada aos aspectos regulares das mudanças sonoras do que aos seus resíduos, um exame mais rigoroso revela que até as melhores leis fonéticas apresentam irregularidades. Diante disso, o linguista propõe uma modificação do princípio neogramático da regularidade de modo a tratar os resíduos de uma mudança sonora como consequências da interseção cronológica de mudanças sonoras em competição. Dito de outra forma, uma mudança sonora seria regular (como sustentavam os neogramáticos) se não houvesse outras mudanças com ela competindo, ao passo que casos em que duas (ou mais) mudanças são aplicáveis em um mesmo subgrupo de morfemas ao mesmo tempo deixariam resíduos. (WANG, 1969, p. 10)

No entender de Labov (1994), Wang sugeriu que exceções à mudança sonora regular podem ser causadas pela operação de sobreposição de duas regras em uma relação de sangramento (“bleeding”). Assim, ao contrário do que pregava o princípio neogramático, as irregularidades poderiam ser resultado de duas mudanças sonoras regulares, e não da competição entre mudança sonora e analogia. (LABOV, 1994, p. 424).

Como já mencionado na seção anterior, os neogramáticos invocavam a analogia e o empréstimo dialetal para explicar os casos que dependiam da gradualidade. Ao testar a hipótese neogramática em dados do chi-

nês, Wang excluiu a possibilidade de atribuir as irregularidades a processos de analogia, visto que o chinês, por ser uma língua isolante, não apresenta morfologia flexional, sendo, por conseguinte, destituído de relações paradigmáticas. Quanto ao uso da noção de empréstimo dialetal, outro léxico-difusionista – Chen (1977, p. 205, *apud* McMAHON 1994, p. 53) – argumenta que esse recurso seria uma explicação fraca, na medida em que funcionaria como uma categoria *waste-basket* (“cesto de lixo”), onde seriam arremessados todos os tipos de irregularidades.

Nesse sentido, McMahon (1994, p. 54-55) distinguiu quatro explicações alternativas para as formas residuais propostas pelo modelo léxico-difusionista, a saber: (1) a difusão da mudança ainda não completou o seu curso; (2) a difusão da mudança perdeu o seu ímpeto antes que afetasse os últimos itens (isto é, a forma residual veio de um fim prematuro); (3) a forma residual é reflexo de uma mudança sonora que começou e retrocedeu; (4) um som desenvolveu-se em direções diferentes em um único ambiente fonético, gerando interseção. Na perspectiva Wang (1969, p. 10), apenas a quarta explicação caracterizaria o que o autor chama de “resíduo verdadeiro”.

No referido artigo de 1969, Wang examinou três dimensões ao longo das quais a mudança sonora é implementada: cronológica, fonética e lexical. Para desenvolver a questão da difusão cronológica da mudança sonora, Wang (1969, p. 10-11) baseou-se no pressuposto de que as mudanças dependem períodos de tempo diferentes para se implementarem. Segundo o autor, duas mudanças sonoras podem ser complementares em seus períodos de operação, como também podem apresentar relações de coincidência, incorporação e sobreposição entre seus períodos de difusão. Há coincidência temporal quando os períodos de difusão são exatamente os mesmos. A relação de incorporação ocorre quando uma mudança X incorpora uma mudança Y, isto é, quando o período de difusão da mudança X inclui o inteiro período de difusão da mudança Y. Já a relação de sobreposição indica coincidência parcial entre os períodos de difusão. Quando aplicada nos mesmos *inputs* (“itens”), a interseção temporal pode levar à competição, definida por Wang (1969, p. 18) como uma situação em que “[...] existem morfemas cujas histórias fonéticas difeririam de acordo com a sequência em que as duas regras são aplicadas”¹⁰.

¹⁰ No original: “[...] there are morphemes whose phonetic histories would differ according to the sequence in which the two rules are applied”. (WANG, 1969, p. 18)

Wang (1969, p.13) postula ainda que a dimensão temporal da mudança pode ser estudada em três parâmetros relativamente independentes: fonético, de um segmento sonoro para outro; lexical, de um morfema para outro na parte saliente do vocabulário de um indivíduo; e social, de um falante para outro em um mesmo dialeto.

A respeito do parâmetro fonético, Wang (1969, p. 13) afirma que a “gradualidade fonológica”¹¹ defendida pelos neogramáticos não pode ser observada: (a) em mudanças que envolvem articuladores diferentes entres os quais não há um continuum fisiológico (como na passagem de [t] > [k] em havaiano); (b) em flip-flops e metáteses, que são variantes paradigmáticas e sintagmáticas de outra forma; (c) em mudanças que envolvem vozeamento, nasalização, e processos relacionados, em que o controle dos articuladores é completamente grosseiro; (d) na adição ou apagamento de segmentos, já que muitos tipos de som estão presentes ou ausentes, mas nunca presentes em quantidades gradientes. Logo, para Wang, a mudança sonora é foneticamente abrupta ou discreta.

Partindo do pressuposto de que a mudança sonora é difundida pelo léxico, Wang (1969, p. 9) assegura que ela pode não atingir todos os morfemas aos quais é aplicável. Segundo o autor, os morfemas em uma língua são frequentemente divididos em camadas de acordo com critérios não fonéticos. Tal divisão estaria relacionada a fontes históricas das diversas camadas, como morfemas românicos *vs.* morfemas nativos em inglês, ou morfemas chineses *vs.* morfemas nativos em japonês. Além disso, Wang (1969, p. 15) defende uma difusão gradual (de um morfema para outro) da mudança pelo léxico do falante. A difusão lexical seria, de acordo com autor, o principal mecanismo por meio do qual a mudança sonora se implementaria. Wang acrescenta que alguns dos morfemas afetados durante a primeira fase podem mudar a pronúncia diretamente; outros, entretanto, podem apresentar oscilação de pronúncia aleatória ou relacionada a fatores como ritmo ou estilo. Portanto, na perspectiva desse autor, a mudança sonora é lexicalmente gradual.

Wang (1969, p. 17) reconhece não ter sido o primeiro a propor tal modelo de difusão lexical, embora tenha sido o primeiro a atribuir tal

¹¹ Nesse ponto, parece haver uma confusão com relação ao emprego dos termos fonológico e fonético. No texto original, Wang usa o primeiro deles, embora os neogramáticos tenham trabalhado com o segundo. Dessarte, essa confusão invalida a crítica feita por Wang. Essa questão será discutida com mais vagar na quarta seção deste trabalho.

termo para designá-lo. O autor afirma que Sturtevant (1917) já havia feito uma boa descrição do mecanismo de difusão lexical.

Com relação ao parâmetro social da dimensão temporal da mudança, Wang (1969) apenas indica (em nota, p. 12) o artigo de Weinreich, Labov & Herzog (1968) como referência para a questão da motivação inicial da mudança sonora. Apesar de limitar a sua discussão aos parâmetros fonético e lexical da mudança sonora, Wang (1969, p. 23-24) afirma que para entender a complexa situação dinâmica do processo de mudança sonora deve-se isolar os entrelaçados fatores – psicológico, estrutural, social, dentre outros – envolvidos em tal processo para uma análise cuidadosa.

Por fim, pode-se dizer que a teoria da Difusão Lexical ofereceu um número considerável de explicações para os resíduos deixados por uma mudança sonora. Entretanto, como observou McMahan (1994, p. 56), se a mudança sonora é de fato lexicalmente gradual, restam ainda questões a serem respondidas pelos léxico-difusionistas, tais como: (a) que fatores determinam quais os itens lexicais serão afetados primeiro por uma mudança?; (b) o que determina o ímpeto da difusão de uma mudança?

Essas questões foram fontes de inspiração para muitos trabalhos em sociolinguística. Dessa maneira, na próxima seção, far-se-á uma exposição da abordagem sociolinguista para o mecanismo de espriamento de mudanças sonoras.

4. A perspectiva sociolinguista

4.1. Labov e a sociolinguística variacionista

Em estudos sobre mudança em progresso baseados em dados empíricos iniciados em 1963, Labov já propunha uma direção à mudança sonora apoiada em fatores de ordem social. Um dos mais significativos desses estudos foi o da centralização de [a] → [ə] em ditongos [ay] e [aw] em Martha's Vineyard, uma ilha da costa nordeste dos Estados Unidos da América. Esse estudo levou-o à elaboração de significativos fundamentos empíricos para a teoria da mudança linguística que, posteriormente, foram sintetizados em Weinreich, Labov & Herzog (1968) e em Labov (1972).

Hock (1991, p. 647) sintetiza as principais observações feitas por Labov a respeito do referido estudo em Martha's Vineyard: (a) a mudança sonora origina-se em um número relativamente pequeno de itens lexicais e (b) é expandida a outras palavras em termos de classes de palavras que

podem ser definidas foneticamente, morfofonêmicamente, morfológica-mente, semanticamente, sintaticamente, e/ou socialmente (faixa etária, sexo, etc.); (c) durante o curso dessa generalização, existe um grau de irregularidade e variabilidade; (d) a regularidade é observada no resultado final da mudança, não em seu início; (e) a dimensão da generalização da mudança está relacionada a fatores sociais (idade, sexo, classe, etc.) e, principalmente, à (f) atitude social (marca de adesão ou identificação em relação a determinado grupo).

A variabilidade e irregularidade observadas nos processos de mudança linguística consistem em uma oscilação entre formas inovadoras e conservadoras por um mesmo falante, e às vezes em um mesmo estilo de fala. Essa oscilação oferece subsídios para a sustentação do princípio léxico-difusionista de gradualidade da generalização da mudança sonora pelo léxico de um sistema. A esse respeito, Weinreich, Labov & Herzog (1968, trad. port. 2006, p. 85-86) asseguram que quando a oposição (social e linguística) já não se mantém, a variante conservadora desaparece. Nesse sentido, de acordo com os autores, a mudança abrupta ou a descontinuidade seriam esperadas no ponto de resolução. Weinreich, Labov & Herzog (1968, trad. port. 2006, p. 125) acrescentam que “[o] avanço da mudança linguística rumo à completação pode ser acompanhado de uma elevação no nível de consciência social da mudança e do estabelecimento de um estereótipo social”, concluindo que “[o] alto grau de regularidade que a mudança sonora exhibe é o produto desta perda de significação nas alternâncias envolvidas e da seleção de uma das alternativas como uma constante”.

Nesse ponto, é válido citar aqui o quarto e o sexto dos sete princípios gerais para o estudo da mudança linguística propostos por Weinreich, Labov & Herzog (1968). O quarto princípio diz respeito à transmissão da mudança no sistema linguístico; o sexto, refere-se à transmissão da mudança na comunidade de fala.

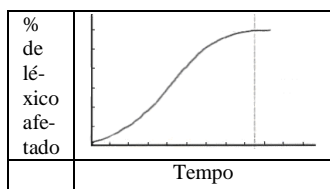
(4) A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a co-variação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.

(6) A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade de fala como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas na mudança linguística são os produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade de fala, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos. (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006, p. 126)

Sendo assim, de acordo com a proposta sociolinguista, as mudanças são implementadas gradualmente, tanto dentro da língua quanto na comunidade de fala. Dentro da língua, elas saturam um ambiente linguístico em um tempo. Dentro da comunidade, elas tornam-se a norma entre determinado grupo de falantes e posteriormente são difundidas para outro grupo. Dito isso, resta relacionar os três principais modelos para o mecanismo de transmissão da mudança sonora vistos até aqui: o neogramático, o léxico-difusionista e o sociolinguista. Essa relação será esboçada a seguir.

4.2. Neogramáticos x léxico-difusionistas x Sociolinguistas

Conforme já dito, a abordagem sociolinguista compartilha com a teoria léxico-difusionista o princípio da gradualidade lexical da difusão da mudança sonora. Admitido isso, a próxima questão a ser discutida diz respeito à taxa de progressão de tal difusão. Ao contrário do que se poderia supor, a mudança não se difunde em taxas uniformes, afetando a mesma proporção de palavras em uma dada unidade de tempo. Análises de mudanças sonoras em progresso revelaram que a mudança tende a começar lentamente, afetando um pequeno número de morfemas. Quando a inovação se difunde para um certo número de palavras, a mudança parece decolar, espreado-se rapidamente em um espaço de tempo relativamente curto. Após um período de ímpeto, a mudança desacelera e o resto é dissipado lentamente. Esse percurso, também conhecido como modelo bola-de-neve, pode ser diagramado como uma “curva em S” (AITCHISON, 1981, p. 105-107). O gráfico a seguir exemplifica esse modelo.



Considerando, pois, as características do modelo léxico-difusionista discutidas na seção anterior e as diretrizes da mudança sonora sugeridas por Labov (1968, 1972), pode-se dizer com Hock (1991, p. 650) que, para ambas as teorias, a variabilidade entre as realizações fonéticas conservadora e inovadora de determinadas formas pode levar à difusão da pronúncia inovadora para outras formas linguísticas. Entretanto, essas teorias diferem quanto ao grau ou velocidade da generalização da mudança sonora: relativamente rápido e brusco para Labov, mas relativamente lento

em termos de itens lexicais individuais para Wang; além disso, Labov vale-se de fatores sociolinguísticos (como a sua generalização ou retrocesso) para explicar tanto o ponto de partida de uma mudança, o que Wang não faz.

Já a relação entre a abordagem sociolinguista e a teoria neogramática é bem resumida por Anttila (1972, p. 193). Segundo o autor, o reconhecimento da heterogeneidade da transmissão de uma mudança tanto dentro do sistema linguístico como pela comunidade de fala permite postular explicações regulares, em termos de relações na comunidade de fala, para formas gramaticalmente irregulares. Ademais, Anttila assegura que o cenário cultural pode envolver uma longa história da escrita, o que criaria possibilidades adicionais de pronúncia e arcaísmos, caracterizados como empréstimos de estágios anteriores da mesma língua.

Finalmente, a relação entre as teorias neogramática e léxico-difusionista pode ser sintetizada pela oposição entre dois pares de termos: som e unidade morfo-lexical, de um lado; e gradual e abrupto, de outro. Assim, como já destacado nas seções anteriores, os neogramáticos defendem que a transmissão da mudança sonora é foneticamente gradual (no sentido de que avança por meio de fases inobserváveis) e lexicalmente abrupta (no sentido de que afeta simultaneamente todos os itens pertinentes); os léxico-difusionistas, contrariamente, sustentam que as mudanças sonoras são foneticamente abruptas e lexicalmente graduais.

O impasse entre neogramáticos e léxico-difusionistas é conhecido na literatura como “controvérsia neogramática”. Muitos debates têm sido feitos acerca desse embate no intuito de tentar resolver a controvérsia. Visto isso, a seção seguinte deste trabalho se ocupará da explicitação de algumas tentativas de resolução da referida controvérsia, com destaque para as propostas de Labov (1981, 1994) e Oliveira (1991, 1992).

5. Soluções para a “controvérsia neogramática”

5.1. A solução de Labov

Levando em conta que a noção neogramática de gradualidade foi definida em termos fisiológicos (articulatórios), pode-se afirmar que o modelo neogramático se referia à mudança fonética, não à fonológica. Wang (1969, p. 13), por sua vez, afirma que muitas mudanças sonoras devem ser consideradas como operações no nível fonológico, que é mais abstrato do que o nível fonético, e, portanto, foneticamente não gradual. Anttila (1972,

p. 77) sustenta a afirmação de Wang ao propor que mudanças fonológicas são abruptas – considerando uma notação fonológica binária ([+] ou [-]) – e esse fato pode ter influenciado a noção de que mudanças fonéticas seriam, por contraste, sempre graduais (como postulavam os neogramáticos). Até aqui, entende-se, portanto, que tanto os neogramáticos quanto os léxico-difusionistas estavam certos, na medida em que trataram da mudança a partir de níveis linguísticos distintos.

Visto isso, Anttila (1972, p. 77) defende a existência de dois tipos distintos de mudança sonora: as fonéticas (como as mudanças vocálicas, que tenderiam a ser graduais) e as fonológicas (como metáteses, caracterizadas pela discricção). Entretanto, o próprio Anttila salienta que, embora a mudança sonora seja caracteristicamente gradual, não há resposta para o exato escopo da abrupção ou gradualidade da mudança sonora em detalhes.

Fundamentando-se em dados empíricos, Labov (“*Resolving the Neogrammarian controversy*” [“Resolvendo a controvérsia neogramática”], 1981) argumenta que as duas vertentes são conciliáveis desde que se considere o âmbito de aplicação de cada uma delas. Tomando uma amostra de casos de mudança em progresso e avaliando qual o melhor modelo para caracterizá-las, Labov constatou que os modelos se distribuem de forma complementar: o modelo neogramático explicou bem algumas mudanças (envolvendo, por exemplo, fronteamto, anteriorização ou arredondamento de vogais), ao passo que o modelo léxico-difusionista explicou igualmente bem outras (incluindo mudanças de alongamento e encurtamento vocálico).

Diante de tal constatação, a solução encontrada por Labov (1981) para a referida controvérsia foi a existência de dois tipos de mudança sonora: um que se comporta como o previsto pela teoria neogramática, e outro que é implementado por difusão. O autor atribuiu à competência do modelo neogramático as mudanças que envolvem *low level output rules* (“regras do nível baixo de *output*”, isto é, regras restritas ao *output* do sistema fonológico), e à competência do modelo léxico-difusionista, as mudanças mais abstratas, em que regras do *high level* (“nível alto”) afetam diretamente as representações lexicais ou subjacentes de formas fonológicas. Uma definição mais elaborada desses dois tipos de mudança é dada por Labov (1994, p. 542):

Mudança sonora regular é o resultado de uma transformação gradual de um único traço fonético de um fonema em um espaço fonético contínuo. É a característica dos estágios iniciais de uma mudança que se desenvolve dentro

de um sistema linguístico, sem condicionamento gramatical ou lexical ou qualquer grau de consciência social ('mudança a partir de baixo').

Difusão lexical é o resultado da substituição abrupta de um fonema por outro em palavras que contêm aquele fonema. A forma mais antiga e a mais nova da palavra normalmente diferirão em muitos traços fonéticos. Esse processo é mais característico dos últimos estágios de uma mudança interna que foi diferenciada por condicionamento gramatical e lexical, ou desenvolveu um alto grau de consciência social ou de empréstimo de outros sistemas. ('mudança a partir de cima'). (LABOV, 1994, p. 542, tradução nossa)¹²

Ao afirmar que a mudança sonora regular (ou neogramática) é a "característica dos estágios iniciais de uma mudança", enquanto a difusão lexical é um processo "mais característico dos últimos estágios de uma mudança interna", Labov parece sugerir que esses dois tipos de mudança não são extremamente opostos. McMahon (1994, p. 58) corrobora a afirmação de Labov, argumentando que mudanças neogramáticas podem tornar-se mudanças difundidas em outro momento.

A esse respeito, Labov (1994) contraria Weinreich, Labov & Herzog (1968, p. 86), os quais asseguram que "[...] a mudança é mais regular no produto do que no processo" (cf. seção 3.1 deste trabalho). Contudo, o autor afirma não haver encontrado evidência de que a difusão lexical seja o mecanismo fundamental da mudança sonora nos casos de mudança por ele examinados. Dessarte, Labov (1994, p. 501) conclui que, embora algumas palavras possam ter sua própria história (pressuposto concebido por muitos dialetólogos e filólogos), cada palavra não tem sua própria história.

Em síntese, pode-se dizer que há ainda o que se discutir acerca do mecanismo de difusão da mudança sonora pelo léxico. Por isso, em seguida será apresentada uma revisão do tratamento dado por Labov à "controvérsia neogramática" feita por Oliveira (1991,1992), cujo foco é a questão do condicionamento fonético.

¹² No original: "**Regular sound change** is the result of a gradual transformation of a single phonetic feature of a phoneme in a continuous phonetic space. It is characteristic of the initial stages of a change that develops within a linguistic system, without lexical or grammatical conditioning or any degree of social awareness ('change from below').

Lexical diffusion is the result of the abrupt substitution of one phoneme for another in words that contain that phoneme. The older and newer forms of the word will usually differ by several phonetic features. This process is most characteristic of the late stages of an internal change that has been differentiated by lexical and grammatical conditioning, or has developed a high degree of social awareness or of borrowings from other systems ('change from above')."

5.2. A proposta de Oliveira

Conforme bem interpretou Labov (1994, p. 425), os léxico-difusionistas não negam que a mudança sonora possa ser regular, embora eles próprios afirmem que o que os difere dos neogramáticos é a descrição/explicação que oferecem para o mecanismo da mudança (gradual para os léxico-difusionistas, e abrupta para os neogramáticos). Visto isso, constata-se que os mecanismos de difusão da mudança pelo léxico propostos por ambas as teorias são realmente distintos, e essa distinção fundamenta-se na unidade básica de mudança tomada por cada teoria.

Ao assegurar a mecanicidade, a ausência de exceções e o condicionamento estritamente fonético da mudança sonora, os neogramáticos explicitaram que a unidade básica de mudança é o som (o segmento). Se, portanto, é o som que muda, a difusão da mudança pelo léxico será necessariamente abrupta.

O modelo léxico-difusionista não exclui a possibilidade do condicionamento fonético. Entretanto, Labov (1994, p. 445) ressalta que, para os léxico-difusionistas, esse condicionamento não determina a seleção sucessiva de palavras individuais, já que “[...] o irredutível fato da identidade lexical está refletido nos dados, já que o mecanismo fundamental da mudança é dito ser a seleção de palavras de uma categoria para associar-se a outra categoria”.¹³ Dito de outra forma, os léxico-difusionistas admitem que a motivação fonética de uma mudança precede e limita a sua implementação lexical, mas não constitui o seu mecanismo. Considerando, pois, a unidade morfo-lexical como o *locus* da mudança, a sua transmissão será decerto gradual.

Embora admita que todas as mudanças sonoras devam ser tratadas via difusão lexical, Oliveira (1992) discorda do papel atribuído ao contexto fonético pelos léxico-difusionistas. O autor sustenta que tal contexto não atua como condicionador, mas como estabilizador de inovações, funcionando a nível lexical. Nas palavras de Oliveira (1992, p. 35), o contexto fonético é entendido como “um assimilador *a posteriori*, e não condicionador *a priori* de uma inovação”.

¹³ No original: “[...] the irreducible fact of lexical identity is reflected in the data, since the fundamental mechanism of change is said to be the selection of words from one category to join another category” (LABOV, 1994, p. 445).

Para apoiar sua hipótese, Oliveira (1992) se serviu de dados de um estudo sobre alçamento de vogais médias pretônicas no português de Belo Horizonte. Nesse dialeto, a vogal média anterior [e], embora apareça em um mesmo contexto fonético nas palavras *medida* e *medita*, sofre alçamento apenas na primeira [midida]. Diante dessa evidência, Oliveria afirma que o condicionamento é lexical, isto é, “[o] contexto que licencia, ou não, a alteração de um segmento é o item léxico” (OLIVEIRA, 1992, p. 34). Dessa forma, afirma o autor que qualquer segmento pode ser alterado e, uma vez que isso acontece, o segmento pode estabelecer uma relação de congruência ou incongruência fonológica com seus vizinhos e/ou suprsegmentos. Segundo Oliveira (1992, p. 35), se houver congruência, as chances de que a alteração do segmento vingue são bem maiores.

Ao reavaliar a solução oferecida por Labov (1981) para a “controvérsia neogramática” (OLIVEIRA, 1991, p. 93-105), a ele se contrapõe, assegurando que qualquer mudança sonora é lexicalmente implementada. Diante de tal afirmação, como seriam explicados os casos que Labov identificou como de natureza neogramática? De acordo com Oliveira (1991), se os neogramáticos não tinham controle da transição entre os diversos estágios da mudança, eles não poderiam provar que esta não era lexicalmente implementada. Dessa forma, o autor exclui a existência de casos de mudança neogramática e defende a importância da variável “tempo” em trabalhos de orientação léxico-difusionista.

Na próxima seção, será feita uma revisão das principais propostas para o problema da transmissão da mudança sonora discutidas neste trabalho. Essa revisão se baseará em um estudo realizado por Vilaça (2006a) sobre o processo de *vozeamento* (ou sonorização) das consoantes latinas não vozeadas em contexto de interaltassonoridade [entre vogais, glides, e líquidas (*r*, *l*)] no italiano do século XVI.

6. Revisão das propostas

Em princípio, considera-se uma mudança sonora regular (neogramática) o *vozeamento* das consoantes latinas não vozeadas em contexto de interaltassonoridade havido nos domínios da Românica Ocidental; enquanto a Românica Oriental seria caracterizada pela manutenção dessas consoantes nesse contexto. No entanto, Vilaça (2006a) observou a existência de variação entre consoantes vozeadas e não vozeadas em tal contexto no texto da edição *princeps* italiana do tratado ascético medieval *Libro dell'Abate Isaac di Siria* (NÍNIVE, 1500), possivelmente escrita no

dialeto de prestígio, que tem por base o dialeto florentino, em que as não vozeadas teriam sido conservadas (uma vez que esse dialeto faz parte da România Oriental). Patota (2002, p. 79) afirma que dialetos toscanos, como o florentino, ocupam uma posição intermediária entre as zonas em que a sonorização é categórica e aquelas em que esse fenômeno não é produtivo, haja vista a presença de formas como *cantata* e *strada* nesses dialetos. De acordo esse autor, a sonorização da velar *-/k/-* atingiu aproximadamente metade dos itens lexicais pertinentes; já a sonorização (e sucessiva espirantização) da labial *-/p/-* e a sonorização da dental *-/t/-* atingiram menos da metade dos itens lexicais em que era aplicável.

Desse modo, Vilaça (2006a) esperou encontrar três grupos de dados em sua pesquisa: (1) itens lexicais em que houve manutenção das consoantes não vozeadas latinas; (2) itens lexicais em que a sonorização das não vozeadas latinas se mostrou em variação; e (3) itens lexicais em que as não vozeadas latinas se sonorizaram. Como esperado, os resultados mostraram que as consoantes não vozeadas predominam sobre as vozeadas em contexto de interaltassonoridade no texto usado como *corpus*. Assim, de um total de 7.435 dados, 88% encaixaram-se no primeiro grupo, 2% no segundo, e 10% no terceiro.

Diante de tal resultado, é possível fazer algumas considerações sobre os pressupostos incluídos no princípio neogramático da regularidade. Em primeiro lugar, se a motivação para a mudança sonora fosse exclusivamente fonética (fisiológica/articulatória/mecânica), tal mudança teria atingido todo o domínio românico. Contudo, nem dentro de um mesmo dialeto a regularidade mostrou-se absoluta.

Em segundo lugar, de acordo com Vilaça (2006a), a alternância na representação do segmento consonantal no *corpus* utilizado pode indicar efeitos de gradualidade fonética, expressos pela relação entre a percepção do grau de vozeamento da consoante pelo copista, e a representação gráfica conferida por este ao segmento¹⁴. Essa alternância também indicaria gradualidade lexical, uma vez que, na perspectiva dos modelos fonológicos multi-representacionais, as representações linguísticas são consolidadas a partir de eventos de fala experienciados pelo falante. Dessa forma, a

¹⁴ A respeito da gradualidade fonética, CRISTÓFARO-SILVA (2005a, p. 27) afirma que “[...] as categorias *vozeado* e *desvozeado* podem ser interpretadas como limites de um contínuo que faz uma gradação de sons vozeados a sons *desvozeados* (passando por sons que têm características de vozeamento intermediárias)”.

palavra, que conjuga forma e significado, constituiria o *locus* da representação linguística. Esses modelos consideram o papel da experiência na organização do componente linguístico e a gradualidade fonética presente no processo articulatório e no léxico. Assim sendo, segundo Cristófaros-Silva (2005b), uma das hipóteses centrais das pesquisas em sonoridade com enfoques multi-representacionais é a de que essa gradiência (fonética e lexical) contribui para a organização das representações mentais e indica tendências de variabilidade observadas nas línguas naturais.

Enfim, postula-se que os fenômenos caracterizados como mudança sonora pelos neogramáticos apresentam espraiamento gradual em todos os níveis: fonético (como propuseram os neogramáticos); lexical (como afirmaram os léxico-difusionistas), e social (como admitiram os sociolinguistas). Com relação ao papel do contexto fonético, ao contrário de Oliveira (1992), não se pode negar que haja um condicionamento fonético no processo de vozeamento das consoantes latinas não vozeadas em contexto de intertassonoridade em dialetos românicos. Diante disso, sugere-se a existência de um *contexto fonético potencial* (que atua na motivação, difusão e consolidação da mudança), considerando que a mudança a ele aplicável deve ser licenciada, ou não, pelo item lexical.

7. Conclusão

Conforme proposto no início deste trabalho, foram discutidos os pressupostos inerentes ao princípio neogramático da regularidade da mudança sonora, com o intuito de avaliar a sua pertinência na explicação do problema da implementação ou transmissão da mudança, uma das tarefas da linguística histórica. Atestou-se que tal princípio serviu como ponto de partida para a formulação de várias hipóteses acerca desse problema, as quais apresentaram diferentes graus de compatibilidade/incompatibilidade com o modelo neogramático.

A partir do exame de várias propostas e dos resultados apresentados pela pesquisa de Vilaça (2006a), admitiu-se que as mudanças sonoras neogramáticas são gradualmente implementadas em todos os níveis (fonético, lexical e social). Sendo assim, embora a regularidade confira certa previsibilidade exigida pelos estudos em linguística histórica, ela deve ser interpretada como relativa (não absoluta), e jamais sinônimo de simultaneidade.

Considerando ainda os resultados da pesquisa de Vilaça (2006a),

sugeriu-se que o contexto fonético não é o único fator a condicionar o processo de vozeamento examinado. Dessarte, postulou-se a existência de um *contexto fonético potencial*, cuja mudança a ele aplicável necessita de um licenciamento lexical para se implementar. Contudo, essa hipótese não foi suficientemente testada. Eis, portanto, uma motivação para trabalhos futuros a esse respeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AITCHISON, Jean. *Language change: progress or decay?* New York: Universe, 1981.

ANTTILA, Raimo. *An introduction to historical and comparative linguistics*. New York/London: MacMillan, 1972.

BORTONI-RICARDO, Stela Maris; GOMES, Cristina; MALVAR, Elisabete. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, vol. 1, p. 9-29, jul./dez.1992. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/948/1055>>.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Fonologia probalística: estudos de caso do português brasileiro. *Revista Lingua(gem)*, Macapá, vol. 2, n. 2, p. 223-248, 2005b. Disponível em: <<http://www.projetoaspa.org/cristofaro/publicacao/artigos.php>>. Acesso em: 20-04-2015.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática, 1991.

HOCK, Hans Heinrich. *Principles of historical linguistics*. 2. ed. rev. e atual. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1991.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal*. Oxford/ Cambridge: Blackwell, 1994, vol. 1.

LABOV, William. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*, vol. 57, n. 2, p. 267-308, junho, 1981.

McMAHON, April M. S. *Understanding language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

NÍNIVE, Isaac. *Il Libro de l'Abate Isaac de Syria de la Perfeccion de la Vita Contemplativa*. Veneza: Bonetum Locatellum Presbyterum, 1500.

OLIVEIRA, Marco Antônio. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, vol. 1, p. 31-41, 2014. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/951/1059>>. Acesso em: 20-04-2015.

_____. The neogrammarian controversy revisited. *International Journal of the Sociology of Language*, Berlin, vol. 89, p. 93-1005, 1991.

PATOTA, Giuseppe. *Lineamenti di grammatica storica dell'italiano*. Bologna: Società editrice il Mulino, 2002.

VILAÇA, C. E. L. Variação linguística no italiano do séc. XVI: consoantes vozeadas x não vozeadas no “Livro de Isaac”. Inédito.

WANG, W. S-Y. Competing changes as a cause of residues. *Language*, vol. 45, n. 1, p. 9-25, março 1969.

WARTBURG, Walter von. *La fragmentación lingüística de la romanía*. Madrid: Gredos, 1971.

_____. *Die Ausgliederung der romanischen Sprachräume*, Berna, 1950.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Eds.). *Directions for historical linguistics: A symposium*. Austin: University of Texas Press, 1968.

_____; _____. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.